Cadernos Espinosanos

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 53 jul-dez 2025 ISSN 1413-6651

IMAGEM a capa celebrativa dos 30 anos do *Grupo de Estudos Espinosanos* justapõe detalhes de três imagens empregadas em diferentes momentos dos *Cadernos Espinosanos*. O *Retrato de Espinosa* (1956) por Pablo Picasso, utilizado nas capas dos n. 1-7, de 1996 a 2001. Duas imagens de Johannes Vermeer: *O geógrafo* (1668), capa n. 29, 2014; e *Moça lendo uma carta à janela* (1659), capa n . 8, 2002, que foi um número especial da revista, apresentando apenas textos com autoria de mulheres.

OS 30 ANOS DO *GRUPO DE ESTUDOS ESPINOSANOS* A 8 MÃOS E MÚLTIPLAS VOZES EM SIMULTÂNEO

Benito Maeso
Professor, Universidade Federal do Paraná/
Instituto Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
benito.ly@gmail.com

Gabriel Frizzarin de Souza[1]
Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil/
Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne, Paris, França
gabriel.frizzarin.souza@usp.br

José Marcelo Siviero
Pós-doutorando, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
sivierojm@gmail.com

Ricardo Polidoro Mendes
Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil/
Università degli studi di Milano-Biccocca, Milão, Itália
ricardo.polidoro.mendes@gmail.com

1 FAPESP processo 2022/16875-5.

Poucos sentimentos traduzem o espírito do comum como a amizade.

Não é à toa que os grandes momentos de inflexão da filosofia de Baruch Espinosa se tecem nas entrelinhas dos estreitos laços que o filósofo cultivou: sua farta correspondência testemunha um pensamento que nunca se desenvolve em paralelo ou em detrimento de suas relações pessoais, mas que se estrutura inclusive nos momentos em que essas amizades entram em recesso ou crise, nos instantes de tensão e nos episódios de concórdia, na discussão e no consenso, na troca de informações pontuais e hodiernas e no compartilhamento de uma sabedoria cultivada há séculos que, diferentemente das tradições cristalizadas em dogmas, que caracterizam algumas práticas religiosas e culturais sem que se se indague pelo seu sentido, ainda oferece questionamentos e chaves interpretativas para os problemas aparentemente sem resolução.

Este texto, redigido a oito mãos com o apoio de vários depoimentos, nasceu, como o próprio Grupo de Estudos Espinosanos da USP, de uma conversa entre amigos. De início, um diálogo que aparentava ser apenas informal, mas que se revelou, em seu desenrolar, um caso exemplar da infinitude e eternidade dos ciclos da Natureza tal como apresentados na filosofia de Espinosa, uma composição e arranjo de forças que exprime, em última instância, o motor da *causa sui*: em seus três decênios de existência, através de uma pluralidade de atividades (dentre as quais destacamos: os seminário de filosofia moderna e contemporânea realizados todas as terças-feiras no Departamento de Filosofia da USP, a fundação, por outros participantes do Grupo, de círculos de pesquisa e estudo similares em outras universidades, as publicações difundidas nas páginas dos *Cadernos Espinosanos*, os trabalhos do GT *Pensamento do Século XVII* junto à ANPOF, a realização periódica de colóquios, jornadas e congressos sobre temas estudados nos seminários, as parcerias com institutos e universidades fora do Brasil, a participação consistente no *Colóquio Internacional Spinoza* e nos grupos vinculados ao *Spinoza Américas*, o lançamento do MultiTudo Podcast etc...a lista é longa, até mesmo infinita, com o perdão do trocadilho espirituoso), o Grupo de Estudos Espinosanos reflete a coesão do grupo de amigos, ainda

estudantes de graduação, que, movidos por um ímpeto de conhecimento o qual só poderíamos chamar de *amor intelectual*, assumiu o estudo dos escritos espinosanos como um exercício de potência, transformando a atividade acadêmica formal, enriquecedora, mas fatalmente desgastada por grades curriculares, cargas horárias, trabalho exaustivo e exigência de rigor acadêmico e científico, na própria perseverança do ser.

Nossa reconstituição, fiel ao filósofo que inspira nossos trabalhos e nossas vidas de intelectuais, foi buscar compreender essa reunião de amigos pelas suas *causas*, para entender como esses trinta anos constituem seus *efeitos*. Procuramos, inicialmente, os membros fundadores do Grupo de estudos e aqueles que se tornaram professores do Departamento de Filosofia da USP, acompanhando a trajetória do Grupo pelas décadas seguintes. Depois, a partir das menções feitas por eles, buscamos outros colegas que seguiram caminhos diversos, sem a pretensão de entrevistar as dezenas de pesquisadores que marcaram a história do Grupo e foram marcados por ela. Dentre os relatos colhidos, pode surgir alguma redundância, ou uma informação repetida, ou ainda certos detalhes que se confrontam. Não nos esqueçamos que, enquanto modos de substância infinita, estamos sujeitos a uma rede infindável de ações e paixões, pois afetamos e somos afetados mutuamente. Todavia, nossa busca se guia fundamentalmente pela identificação dos elementos comuns que encarnam esse *conatus* coletivo e partilhado. É reverberar, a partir de cada fala individual, uma potente voz coletiva, voz de *multidão* (ou *multitudo*), voz de comunidade, que comunique essa concatenação de forças e afetos alegres, uma emenda não apenas aplicada às discussões e pesquisas acadêmicas, como também à(s) vida(s) desse círculo espinosano.

Espinosano, e não somente *espinosista*. Pois não nos debruçamos sobre nossas reflexões com uma vaga influência ou com o uso metódico de expedientes expostos e desenvolvidos em obras como a *Ética* e o *Tratado Teológico-Político*, como se o filósofo apenas nos servisse de instrumento, mas somos efetivamente *espinosanos*, no sentido de assumirmos o compromisso de continuar essa filosofia que conduziu o racionalismo seiscentista às raias da infinitude, à profundidade por vezes ignorada da afetividade

humana e ao combate destemido com as mazelas da superstição premeditada e do autoritarismo teológico-político.

Em nosso itinerário narrativo, adotamos quatro perguntas-chave para dirigir cada uma das seções deste dossiê comemorativo. Propusemos aos entrevistados um relato pessoal de como sentiram a criação e a organização de estudos desse primeiro momento de gênese do Grupo. Posteriormente, adotando o liame lógico do desdobramento natural dos trabalhos, indagamos acerca da expansão temática dos estudos e do impacto da mesma na formação dos integrantes. Terminamos reconstruindo o momento de articulação dos contatos e parcerias e da fundação e publicação dos *Cadernos Espinosanos*, periódico que hoje goza de um certo pioneirismo na publicação de estudos da filosofia, do pensamento e da cultura do século XVII e de sua presença nos debates contemporâneos; revista que, também num gesto inovador para a década de 90, se antecipou à tendência de várias outras publicações atuais, de abrir espaço também para textos de estudantes de graduação e pós, como etapa decisiva nas suas formações acadêmicas.

Além da amizade intelectual que permeia todo esse trabalho, reforçamos o caráter de indelével imanência que governa as relações amigas: pois amigo é aquele que não sofre os desnivelamentos de poder típicos das hierarquias e o peso insuportável das paixões entristecidas e medrosas, mas que articula e coordena a força natural de cada um na construção de uma cultura e sociedade democráticas, que sejam a expressão eterna de uma potência sem princípio nem fim. Que pulsem no cerne da nervura de nosso real.

Deus sive Natura! Ou, como nos relembra Espinosa, revigorando a velha reminiscência platônica com um sabor de alegria, *tudo o que é notável é tão difícil quanto raro*. Boa leitura, ótimas lembranças e descobertas melhores ainda.